RESENHA

Cowan, James. **O Sonho dos cartógrafos:** meditações de Fra Mauro na corte de Veneza no século XVI. Tradução de Maria de Lourdes Reis Menegale. Rio de Janeiro: Rocco; 1999.

Bárbara Moraes Santos

Acadêmica do curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá e integrante do NEMO – Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização

A obra de Cowan relata a experiência vivida pelo autor no fim dos anos de 1980, quando, pesquisando sobre a vida de Lord Byron na Ilha de San Lazaro encontrou um diário escrito pelo veneziano do século XVI, Fra Mauro. Era um documento que continha as reflexões de um clérigo da renascença e, por isso, deixou de lado a pesquisa sobre Lord Byron e passou a se dedicar aos estudos desse documento, a fim de esclarecer os costumes da época no qual Veneza estava em seu auge de poder. Fra Mauro preocupava-se com a motivação dos homens em seus atos mais do que mostrar os costumes da renascença. Em seus anos de mosteiro se tornou especialista em cartografia, um “criador de mapas” fazendo do mundo o seu laboratório, ainda que se contentasse em deixar que os outros fizessem as investigações por ele. Sobre seus informantes é preciso mencionar mercadores, viajantes, eruditos, núncios, embaixadores professores e oficiais.

No capítulo um, o monge expressa o interesse de um plano de viagem que extrapole as fronteiras até então conhecidas e discorra sobre as possibilidades, ao em vez de abordar as coisas prosaicas já conhecidas. Abandonando ciências com a Matemática e a Física, para estudar o mundo que outras pessoas haviam encontrado. Para ele a cartografia não é apenas um passa tempo, mas arte, reconhecendo a beleza e importância da rosa dos ventos e das linhas cartográficas. Conta um pouco de Ptolomeu e sua impressão sobre mapas ,onde todos os nomes remetem ao oriente, seus mitos e mistérios. Termina este capítulo correlacionando a sua crença e sua obsessão por mapas e histórias de viajantes acreditando que eles não entram em conflito.

Sendo seu papel como cartógrafo em contra ponto com o desprezo de seus colegas monges que vêem sua paixão como obra do demônio.

No capítulo dois Fra Mauro discorre sobre a até então capital do mundo, Jerusalém, e suas vontades de monge de se prostrar em lugares sagrados. Sua experiência como frade tem, todavia levado a crer que realmente essa é a capital do mundo, pois ocorreu o milagre de um homem morrer como Deus. No terceiro capítulo Fra Mauro conta dos homens que viajaram ao Ártico e falavam de trenós puxados por renas e de suas buscas pelo silêncio, o qual ele conhece quando se ajoelha para rezar. Neste capítulo busca o Monge um viajante que estava na Índia à procura de especiarias e pedras raras, onde se deparou com o túmulo de um Imperador que deu origem a um doce jardim que o homem acreditava ser um milagre. Era essa a forma de seu silêncio e, por isso, o frei se indagava como colocar em seu mapa tais emoções.

No capítulo quatro é retratado que tudo o que o monge conhece do mundo é o som da marreta do estaleiro do Arsenal de Veneza. Esse relato dá a entender quantas poucas vezes ele saiu do mosteiro e quão pouco ele conhece o mundo fisicamente. Narra a vez em que um erudito o visitou descrevendo uma múmia egípcia que segundo ele era a expressão da paz de espírito e indaga sobre a morte e a possibilidade de sermos vítimas de uma ilusão sobre ela.

No quinto capítulo Fra Mauro recebe a visita de um Judeu idoso que vivia em uma ilha até o domínio otomano quando buscou um lugar melhor para se viver. Ele correlaciona esse fato de sua vida com o êxodo de seu povo do Egito. Na cela de Fra Mauro o judeu informou sobre as zonas portuárias de Rodes, Creta e Chipre e sobre o declínio de sua religião por ali. Separado de suas origens, mostra como a expressão da tristeza de seu povo significa ficarmos condenados a conviver com a nossa perda pra sempre.”.

No capítulo seis o monge recebe uma carta de um amigo que procura uma imagem de Nossa Senhora de Damasco, vista pela ultima vez em Chipre. Essa imagem vagava junto à ordem e, para a felicidade dele, a encontrou em uma pequena igreja. O amigo, ao demonstrar seu entusiasmo ao descobrir a imagem, faz perceber a importância dele, pois não se trata de uma imagem qualquer, mas de uma imagem com história que tinha adquirido vida própria nas profundezas do mar onde esteve perdida por tantos anos.

No capítulo sete o monge recebe a visita do superintendente do Conselho dos Dez de Veneza para traduzir papéis repletos de mapas turcos. O autor dos mapas, Hadji Ahmed, havia sido capturado quando retornava para sua casa em Túnis, e depois foi trazido a Veneza como

escravo. Seu mapa em formato de coração possibilita mostrar todos os hemisférios quase sem distorção e era contornado por uma série de desenhos retratando hemisférios celestes revelando constelações conhecidas pelos navegantes. O mapa surpreendeu o monge por sua complexidade e o alcance de informações na margem. As fontes de Ahmed eram intrigantes, pois deveria ter se encontrado com marinheiros que se aventuraram muito longe, pois continha muitas informações como a existência de tribos nas margens do Amazonas. Era um mapa muito bem feito e com muitos detalhes.

No capítulo seguinte, recebe de um viajante um documento que detalhava a história dos primeiros missionários cristãos na China. Seja lá quem fosse o missionário anônimo ele havia impressionado seus anfitriões chineses, pois eles acolheram sua doutrina. O monge ficou impressionado com este missionário, pois havia viajado aos confins do mundo para divulgar o amor e a religião.

No nono capítulo a, descreve-se que fama do trabalho de Fra Mauro estava crescendo, assim como muitos que o buscavam para compartilhar suas pesquisas, os quais ele os chamou de *Illuminati*. No capítulo dez, a elaboração do mapa de Fra Mauro toma dimensões muito maiores do que as iniciais, pois o monge não esperava receber tanto conhecimento, pois passa pelos sentimentos e reflexos de cada um que buscava o monge para saber se seria aquela a visão correta do mundo. Ocorreu à ideia então de fazer um mapa que conteria todos os mapas, um mapa difícil de ser definido. No capítulo onze há o relato de um emissário do vaticano foi conversar com Fra Mauro, pois o Papa lhe enviou documentos que julgava importantes para pesquisa do frei. Algo que logo lhe interessou foi o diário de um Monge Franciscano Johannes de Plano Carpini detalhando a viagem ao país Tartaro, onde conta um pouco da população local e de suas estranhas crenças.

No capítulo seguinte, verifica-se que entre os papéis legados pelo Papa estava o diário de outro frade itinerante, William de Rubrouck que também havia viajado a terra dos tártaros a pedido do Rei Luís da França. Em contato por carta, fala de seu poder e do domínio de seu reino que se estende das Três Índias até à Índia mais distante onde está enterrado São Tomé, o Apóstolo. Tal carta deve ter despertado grande curiosidade nas cortes européias e a viagem do Frei foi autorizada. Ele navegou do Acre, na Terra Santa, até o porto de Kaffa, no mar negro. De lá ele viajou por terras através de estepes e rumou para o norte, onde atravessou as montanhas Altai. Fra Mauro se identifica com Fra William e acredita ter se viciado nas observações.

No capítulo treze Fra Mauro recebe a visita de um mercador persa que passou-lhe informações contrastantes com sua profissão. O encontro com os Yazidis, adoradores do Demônio, relatou o novo sentido que havia encontrado depois de encontrar-se com o emir desse povo. Tudo no emir condizia com alguém que adorava Satã, Mas o que mais chamou atenção foi a identidade se seu santo, Xeque Adi, um assassino do qual descende o emir. Ao que tudo indicava, os Yazidis decidiram abolir a bondade e a inocência como meta para legitimar o direito de Satã a existência.

No capítulo quatorze foi trazida ao monge a ideia de que homens em diferentes lugares do globo podem ter diferentes crenças. Um professor contava pesquisas sobre um povo perdido, os Gamarantes, que aparentemente não tinha escrita, e que visitou túmulos na Líbia e encontrou altares e obeliscos, o que levava a crer que os Gamarantes não tinham crenças próprias. A crença do Gamarantes atentou o monge que indagou o que fazia a crença dele ser melhor que as demais, e por isso levou a colocar em seu mapa tal civilização.

No capítulo quinze Fra Mauro indaga sobre o seu mundo, que é seu mapa e é conhecido apenas por aqueles que enxergam o invisível. Acredita que se soubesse quando começou o mapa, Fra Mauro teria optado por ter uma meditação segura ao invés de decifrar o mundo. Ansioso por saber mais, o que intriga o monge são os espaços vazios de seu mapa. Conta das incertezas da região meridional, desconhecida pelos filhos de Adão e onde não existe a raça humana e sim coisas que ela jamais viu. Termina o Capítulo falando sobre o interesse de Veneza pelo mundo e retoma os vazios de seu mapa professando de que esses são a última fronteira que o separa da missão de sua vida.

No capítulo dezesseis, Veneza tem o mundo nas mãos, cada navio que aporta carrega tesouros e desilusões colhidos em terras distantes. Fra Mauro faz essas indagações após ler um livro de um poeta anônimo enviado por um comerciante veneziano que mora em Constantinopla. Pelos textos parece que a desconfiança entre turcos e europeus não impediu a troca de poesias. Parece que o poeta persa tinha sido inspirado por outro, um dervixe peregrino que não chamava lugar algum de casa. O poeta e o dervixe se tornaram inseparáveis, dois homens de crenças opostas que haviam encontrado o respeito mútuo através de odes.

No capítulo seguinte é conhecida pelo monge a existência de florestas imensas, habitadas por animais esquisitos e flores exóticas no oriente. Comunidades inteiras vivem sob a sombra de enormes folhagens, que as protegem das chuvas. Em outros mapas há evidências de uma grande

terra do Sul que incluía a Antártica, ligada a Terra do Fogo. Habitada por homens que pulam de um pé só. Conclui o Fra que existem ainda muitas maravilhas a serem descobertas e toma como exemplo a viagem que um padre jesuíta fez as Índias com o intuito de converter pagãos e conheceu um povo que acreditava mais em pássaros do que em qualquer divindade nas alturas. Quando estava com eles conta que se lembrou das palavras de outro clérigo que afirmava que para conhecer as coisas era preciso conhecer a natureza.

No capítulo dezoito O autor Campeggio contou também mais sobre o que havia ouvido sobre as lendárias Terras do Sul. Os marinheiros afirmavam que era impossível de um ser civilizado sobreviver, contando que, certa vez, um deles foi obrigado a recorrer ao canibalismo e o gosto da carne dos companheiros permanecia na boca até então e não conseguia apagá-lo. Contou sobre a nudez dos nativos, e que mudou sua visão sobre isso, e descobriu que eles usavam seus corpos como mapas espirituais. A ideia sobre um mapa no corpo não passava pela cabeça de Fra Mauro.

No capítulo dezenove relata-se que veio um mensageiro chinês trazer uma missiva em forma de pergaminho. Conta que conhecia o trabalho de Fra Mauro e lhe mostra sua descoberta, um elixir. A princípio o monge pensou ser um mal entendido, mas ao final o elixir se tratava de uma parábola no qual o elixir é apenas o estado de consciência profunda.

No vigésimo capítulo Fra Mauro discorre a melhor maneira se confeccionar um mapa e afirma que para traçar um mapa exato do mundo é preciso ser cauteloso e não somente definir cada continente. Para ela, a essência do mundo é uma questão sem importância para alguém que julga somente pela aparência exterior. No capítulo seguinte Fra Mauro faz orações e se põe a fazer o seu mapa a partir dos muitos rascunhos. Margens com cara de querubins, sereia, dragões e bichos estranhos. Conclui ser difícil de começar, indaga como colocar em um mapa, físico o que é invisível aos olhos. Por isso colocou-se a fazer o mapa que é a extensão de seu mundo descrevendo detalhe por detalhe dele.

Por fim, o autor encerra sua obra com um capítulo que revela o término do mapa de Fra Mauro, que ele acredita ter composto o mundo, e ter mapeado toda essa superfície o fez sentir um mártir, sente que ele e o mapa são agora uma coisa só e se pergunta o que fazer com aquela preciosidade e conclui que o lugar daquele mapa é no coração dos homens. No fim, dá a entender que Fra Mauro após cumprir sua missão encontra seu fim adentrando o reino do não-conhecimento.